

FMI conta com a volta do Brasil

ARNOLFO CARVALHO
Enviado Especial

Washington — O diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus, disse ontem estar convencido de que o Brasil quer superar a atual "situação transitória" de suspensão dos pagamentos ao exterior ao voltar a manter relações normais com a comunidade financeira, tanto é que o ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, "foi um dos que mais apoio deu à estratégia de cooperação" para resolver o problema da dívida através do crescimento econômico.

Quebrando sua promessa de não comentar nenhum país em particular, durante a entrevista coletiva que concedeu ao final da assembléia anual, Camdessus não resistiu quando o tema da moratória brasileira foi levantado como suposto exemplo que poderia ser seguido pelo resto do Terceiro Mundo. "O importante é que todos os grandes devedores, e em particular o Brasil, tenham uma idéia clara do que lhes convém, adotem boas políticas em seu próprio território e tenham respaldo do resto do mundo" — disse.

Respondendo às perguntas em francês, espanhol e inglês, dependendo do interlocutor, o diretor-

gerente manifestou sua satisfação com as posições assumidas por Bresser Pereira durante as reuniões, dizendo que o apoio do ministro brasileiro à sua "estratégia de cooperação com crescimento" para enfrentar o endividamento "muito me conformou mas não surpreendeu nem um pouco". Disse que o que está ocorrendo hoje com o Brasil "não é o que o país prefere, mas sim uma situação transitória".

Camdessus reafirmou sua tese de que "toda solução (para o endividamento) é boa quando decorre de um acordo livremente negociado entre as partes e quando reflete a percepção do mercado". Ele admitiu inclusive a tese dos devedores latino-americanos de que a dívida precisa ser reduzida ao seu valor real de mercado, abaixo do valor nominal, mas observou que esta redução pressupõe a conversão em investimentos. "E para isso é importante que os países interessados abram suas portas para estes investimentos".

Sem se referir especificamente a nenhum país, ele admitiu que se encontrem "soluções diversificadas" para a renegociação das dívidas, desde que isto ocorra rapidamente e "também que os devedores resistam ao protecionismo e tomem iniciativas para restabelecer a credibilidade

de não só a nível externo como diante de seus próprios cidadãos, pois quando isto ocorrer tudo será mais fácil". Considerou importante também que, nestas negociações, "ninguém imponha suas visões à outra parte".

Até abril, quando ocorrerá a reunião de primavera do Comitê Interino do FMI, Camdessus deverá apresentar propostas detalhadas para concretizar suas sugestões de alterar os regulamentos das "facilidades de crédito" e tornar mais "eficientes as condicionalidades" (ou exigências dos acordos de ajustamento). Um dos pontos que serão levados em consideração é a necessidade de resguardar os países sob acordo com o FMI dos reflexos de situações externas.

Por diversas vezes o diretor-gerente respondeu a perguntas sobre a dívida externa do Terceiro Mundo com o argumento de que somente numa economia estática é que os devedores não teriam condições de saldar seus compromissos. "Se há crescimento econômico, se há união de esforços para termos economias mais flexíveis e mais eficientes, estes países vão registrar menores coeficientes de endividamento, maior capacidade de obtenção de créditos para investimento" — observou.